

# **A RELAÇÃO ENTRE MEIO SOCIAL, LITERATURA E LEITURA EM UMA ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL NA PARAÍBA**

Maria de Fátima Vieira de Carvalho  
Prof<sup>ª</sup>. Escola E. E. F. M. Alzira Lisboa  
[fafavieiragood@hotmail.com](mailto:fafavieiragood@hotmail.com)

## **RESUMO**

Sabemos que a leitura é fundamental na vida das pessoas e que a literatura pode ser uma experiência preciosa ao desenvolvimento desta habilidade. Desde crianças, muitos pais e professores procuram estimular o hábito agradável da leitura. Contudo, algumas vezes, muitas pessoas não têm esta oportunidade e acabam distanciando-se da leitura literária ou criando estereótipos que as afastam. Assim, partindo-se da visão de que muitos professores expõem, dizendo que seus alunos não leem ou não gostam de ler, este trabalho propôs-se a investigar a realidade da prática literária de jovens alunos do segundo ano do ensino médio regular, da cidade de Jacaraú – PB, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Alzira Lisboa, para podermos verificar o hábito de leitura desses jovens procurando saber se registravam a quantidade de livros que liam, buscando-se, portanto, compreender os motivos dos alunos gostarem ou não de ler literatura. Esse estudo foi realizado através de pesquisa bibliográfica e de campo, quantitativa e qualitativa. Tivemos como aporte teórico autores como Kleiman (2007), Lajolo (2002), Soares (2005) e outros que nos nortearam nesse trabalho que nos mostra o inverso: que a maioria da juventude gosta de ler, porém essa maioria ainda lê pouco. Percebemos que muitos desses estudantes apresentam o hábito de ler espontaneamente, tanto a literatura considerada popular, quanto a literatura clássica, chegando a ler até mais de dez livros por ano. Outros, porém, precisam de mais incentivo para iniciar ou aumentar a interação com esse mundo maravilhoso que é a literatura.

**Palavras-Chave:** Leitura. Literatura. Juventude.

## **1. INTRODUÇÃO**

A partir do surgimento da escrita, a leitura passa a ser uma das ferramentas fundamentais à compreensão do mundo, seja como meio de interação com outras pessoas, seja como promotora de prazer, conhecimento e até mesmo de poder, pois é um requisito importante, exigido pela sociedade à inclusão e participação mais ativa no meio social.

A literatura, por sua vez, além de ser uma arte, uma criação humana, ela poderá refletir a realidade do mundo, por isso, ela é essencial às pessoas. Segundo Lajolo (2002, p. 106) “[...] o cidadão, para exercer plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos”. Ou seja, a literatura é fundamental à compreensão de mundo e de sociedade, pois reflete os problemas da mesma, ajudando-nos a identificá-los e nos posicionar com criticidade diante da realidade.

Assim, objetivamos investigar neste estudo a realidade da prática literária dos jovens do 2º ano do ensino médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Alzira Lisboa para compreender os motivos dos alunos dessa escola ler ou não obras literárias, pois, precisamos ouvir a juventude para conhecer as suas preferências literárias para não emitirmos comentários generalizados sobre suas práticas literárias. Queremos também contribuir com as escolas e professores na formação de leitores independentes, críticos e apaixonados por literatura.

## **2. JUVENTUDE E LITERATURA**

A juventude tem sido foco de pesquisas em muitas áreas do conhecimento humano. Os jovens têm suas preferências musicais, literárias, cineastas e visuais, assim como têm seus medos, anseios e preocupações com a nova fase que deverão percorrer na vida adulta.

Precisamos compreender que o mundo está em permanente movimento, o que não se difere das pessoas, que precisam acompanhar as novidades advindas das novas situações provocadas por mudanças tecnológicas, sociais e históricas.

A prática literária, quanto mais livre, no sentido de espontânea, ou seja, de ler-se aquilo que se gosta, melhor. Como nos mostra Martins (1994):

[...] para a leitura se efetivar, e assim o leitor, essa deve preencher uma lacuna em nossa vida, precisa vir ao encontro de uma necessidade, de um desejo de expansão sensorial, emocional ou racional, de uma vontade de conhecer mais. Esses são seus pré-requisitos. (p. 82).

Por isso, quando o jovem descobre por si próprio ou tem a oportunidade de escolher que tipo de literatura quer ler, acontece o prazer, pois o ato de ler passa a ser visto como agradável porque não foi obrigatório, mas com liberdade de escolha.

O contato com a literatura vai conquistando e atraindo sempre mais a participação e o envolvimento do leitor com a leitura. Mas como atrair o jovem a essa prática prazerosa, visto que muitos professores argumentam que os jovens não gostam de ler. Ou melhor, como não tornar a leitura literária desinteressante? Sabemos que a forma como se estabelece uma relação entre leitor e texto poderá aproximá-lo ou afastá-lo da leitura literária. Se só considerarmos o cânone, por exemplo, como a literatura que deve ser lida pelos jovens, ignorando seus desejos, poderemos afastá-los ainda mais dela, porém, quando consideramos o jovem como sujeito de identidade, de subjetividade, dentro de um espaço-tempo real ao qual a literatura precisa está conectada, poderemos estabelecer uma conexão entre o jovem e a literatura, pois esta será abordada dentro de sua realidade, de seus anseios e inquietações.

Atentos às perspectivas dos jovens contemporâneos e preocupados em atrair o público juvenil, muitos autores têm produzido livros ligados tanto à realidade dos jovens, quanto à sua imaginação e fantasia. Pois sabem que para conquistar os jovens é preciso ter muita criatividade com a linguagem na hora de escrever, porque os mesmos estão cercados por uma diversidade de opções de entretenimento que lhes fascinam, tais como: internet, jogos, festas, competições, programas, etc., e a leitura literária fica, muitas vezes, em último plano.

Outro aspecto que não podemos ignorar é o meio social do qual o jovem participa, pois a sua condição socioeconômica poderá contribuir ou dificultar seu crescimento pessoal, intelectual e cultural, influenciando assim, no acesso ou não aos livros.

Desse modo, a leitura literária precisa ser valorizada e oferecida aos jovens no ambiente escolar, partindo-se sempre de obras com as quais a juventude se identifica até chegar a outras exigidas pelos currículos ou que lhes sejam necessárias. Conforme Lajolo (2002, p.15): “Ou o texto dá um sentido ao mundo ou ele não tem sentido nenhum”. Ou seja, as leituras precisam tornar-se significantes aos jovens, seja como instrumento de

reflexão que conduza à luta por uma sociedade mais justa e igualitária, seja pelo prazer propiciado pela leitura e pela aquisição de novos conhecimentos.

Contudo, o que vemos é que muitos dos acervos escolares, assim como os seus espaços não são muito atrativos aos jovens contemporâneos, pois, geralmente, possuem estrutura insatisfatória, com poucos livros, os quais fazem parte do cânone literário. Além disso, os livros que mais lhe agradam não estão lá.

A juventude também precisa do incentivo da família, do professor, da escola e de políticas públicas para tornar-se leitora. No entanto, mesmo que a família não o instigue à leitura, abordada aqui, como leitura literária, quando a escola e o professor conseguem despertar a curiosidade dos jovens ao mundo literário, este já pode ser visto como um grande passo à formação de futuros leitores. E para incentivar essa prática, precisamos ser exemplos, conforme Kleiman (2007, p.15) “Para formar leitores, devemos ter paixão pela leitura”. Assim, nosso exemplo como leitores e a forma como falamos de nossas experiências literárias são muito mais eficazes na conquista de jovens leitores do que simplesmente pedir para os alunos lerem.

### **3. MERGULHANDO NO RELACIONAMENTO ENTRE A JUVENTUDE DO 2º ANO DO ENSINO MÉDIO E SUAS PRÁTICAS LITERÁRIAS**

A juventude contemporânea tem presenciado no seu cotidiano mudanças significativas trazidas com o avanço tecnológico. Contudo, algumas características quanto à realidade socioeconômica da população continuam precárias, fator este que dificulta em parte, o acesso da juventude aos livros literários que realmente lhe interessam, pois são caros e na maioria das vezes, não estão nas bibliotecas escolares porque não fazem parte do cânone literário.

Sabemos o quanto a leitura é importante na vida das pessoas, visto que ela nos oferece subsídios para enxergar a realidade. Quanto à interpretação crítica ou alienada que será realizada, dependerá da proposta explícita ou implícita no texto, assim como dos conhecimentos de mundo do leitor. Segundo Lajolo (2002, p. 26) “[...] a literatura tanto gera comportamentos, sentimentos e atitudes, quando, prevendo-os, dirige-os, reforça-os, atenua-os, pode revertê-los, alterá-los”. Compreendemos assim, que o leitor precisa estar

atento quanto aos objetivos subtendidos na linguagem do livro, ou seja, de quem ela está a serviço, se está reforçando um estereótipo ou tentando desconstruí-lo, por exemplo.

### **3.1 Percursos da pesquisa**

Objetivando conhecer e analisar melhor o perfil literário do público juvenil, realizamos uma pesquisa de campo e depois uma pesquisa bibliográfica, tendo como instrumento de análise um questionário aberto, para investigar se a leitura literária era apreciada pelos jovens estudantes de três turmas do 2º ano do Ensino Médio regular, sendo uma turma do turno matutino e duas turmas do turno vespertino, ambas da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Alzira Lisboa. O questionário aberto apresentava as seguintes perguntas: 1- Você gosta de lê? Justifique; 2- O que você entende por leitura literária?; 3- Que gênero textual você prefere?; 4- Como você tem acesso à leitura literária?; 5- Quantos livros você lê durante um ano? Cite alguns; 6- O que lhe leva a lê uma obra literária?; 7- O que despertaria o seu interesse e o de outros jovens pela leitura literária?; 8- Quais leituras são recomendadas pela escola? Você gosta dessas leituras? Depois, as respostas foram analisadas do ponto de vista quantitativo e qualitativo.

Esse questionário aberto foi aplicado a 63 jovens do segundo ano do Ensino Médio diurno, sendo 22 rapazes e 41 moças, que estão na faixa etária entre 15 a 23 anos. Deste total, 16 alunos são do turno da manhã e moram na zona urbana, e 47 estudantes são do turno da tarde, onde quase todos vivem na zona rural. Através da análise dos dados constatamos que a grande maioria dos alunos desta série de ensino gosta de ler. Visto que quando questionados se gostavam de ler, 51 jovens responderam que sim e 11 disseram que não. Ou seja, a maioria gosta de ler.

Vale ressaltar que essa pesquisa ocorreu com os jovens alunos do 2º ano do Ensino Médio Regular diurno da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Alzira Lisboa, na cidade de Jacaraú – PB, durante o segundo semestre do ano de 2013. O contato com os jovens e seus relatos conduziu-nos à reflexão de que não podemos julgar o sujeito jovem sem antes conhecê-lo.

### **3.2 A prática da leitura literária dos alunos do 2º ano do Ensino Médio Regular da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Alzira Lisboa**

Como sabemos, as escolas costumam apresentar como um de seus objetivos, aproximar seus alunos do mundo da leitura, porém, com as estratégias que utiliza para tentar atingir este objetivo, provoca, muitas vezes, o contrário: uma grande repulsa entre os estudantes e a prática da leitura, seja ela literária ou não. Pois esta prática é oferecida, geralmente, de modo obrigatório, visto que há leituras que os alunos só a realizam porque precisam desta, seja para a prova, seja para algum trabalho escolar.

E quando falamos em leitura literária, a situação torna-se mais complexa, pois o que mais ocorre é o ensino de literatura e não a prática da leitura literária. Como critica Rezende (2013):

A história da literatura centrada no nacionalismo literário ainda é de longe a perspectiva dominante no ensino de literatura, desdobrando-se em sequência temporal numa lista de autores e obras do cânone português e brasileiro e suas respectivas características formais e ideológicas. [...] Tendo, pois, o livro didático como apoio, o mais comum é que o professor configure nesse trabalho as mais diferentes estratégias: uma atividade oral de leitura de fragmentos pelos alunos, seguida por perguntas e respostas, sendo que estas já se encontram no manual do professor [...]; cópia, no caderno, de trechos do livro e dos questionários para responder por escrito [...]; pesquisa sobre autores e obras, que os alunos fazem pela internet apenas baixando os arquivos [...]; seminários sobre autores e obras cujo cronograma igualmente segue a linha do tempo da história da literatura nacional e a do antigo colonizador etc. (p. 101).

Desse modo, a leitura literária é vista como desinteressante e distante da realidade dos jovens, os quais prefeririam trabalhar a leitura literária com dinamicidade, observando as temáticas e a conexão que existe entre as obras e suas vidas.

Há alguns fatores que não devem passar despercebidos aos nossos olhos e que podem influenciar muito na prática da leitura literária. São eles: a condição econômica, e o modo como a prática leitora foi ou é despertada. Quando perguntados no questionário sobre qual era a renda mensal de sua família, a maioria dos jovens alunos, em todas as turmas, disseram desconhecer o total da renda de sua família, mas em segundo lugar foi declarado que suas famílias recebiam uma renda mensal inferior a um salário mínimo, aspecto esse que dificulta bastante o acesso ao livro e conseqüentemente à leitura, visto que um salário mínimo mal dá para comprar alimentação, remédios, enfim, para

sobreviver. Os alunos disseram que o preço alto dos livros torna-os muito inacessíveis aos jovens de classe popular. E embora na escola haja biblioteca, muitos dos livros que eles desejariam ler não estão lá. Conforme nos informa Lajolo (2002):

Numa sociedade como a nossa, em que a divisão de bens, de rendas e de lucros é tão desigual, não se estranha que desigualdade similar presida também à distribuição de bens culturais, já que a participação em boa parte destes últimos é mediada pela leitura, habilidade que não está ao alcance de todos, nem mesmo de todos aqueles que foram à escola. (p.106).

Assim, percebemos como o poder aquisitivo interfere no acesso à literatura, esteja ela disponível em livros ou na internet, pois como os jovens e estudantes poderão usufruir deste bem se não podem comprá-los porque os livros são caros ou muito caros, e para ter acesso e ler os livros que estão disponíveis na internet também é necessário dinheiro para poder consultá-los, além de contarmos com uma internet que deixa muito a desejar em qualidade, rapidez e preço acessível. Desse modo, verificamos que o meio social influencia na quantidade de livros lidos pela juventude do ensino médio que aqui foi pesquisada.

A leitura, principalmente a literária, deve ser incentivada desde a infância e deve favorecer a identificação e interação do leitor com a leitura. Conforme Rezende (2013):

Como prática social, ou seja, na vida cotidiana de todos nós, quando lemos, a leitura da obra literária sugere, antes de tudo, um movimento de identificação: lemos o que gostamos de ler, seja porque temos um gênero preferido – suspense, policial, romance, poesia, crônica etc. -, seja porque recebemos indicação de uma obra por parte de alguém cuja opinião respeitamos; também porque a obra faz sucesso, ou então porque queremos reler... [...] A verdade é que a leitura literária “não obrigatória”, que fazemos por vontade própria, promove antes de tudo uma identificação e é geralmente vivida subjetivamente pelos leitores. (pp.107-108).

Contudo, o que acontece, muitas vezes, sobretudo, com pessoas das classes mais populares, é o inverso. Kleiman (2007) relata o que aconteceu nas primeiras experiências de muitas pessoas com a leitura:

Devemos lembrar, que para a maioria, a leitura não é aquela atividade no aconchego do lar, no canto preferido, que nos permite nos isolarmos, sonhar, esquecer, entrar em outros mundos, e que tem suas primeiras associações nas histórias que a nossa mãe nos lia antes de dormir. Pelo contrário, para a maioria, as primeiras lembranças dessa atividade são a cópia maçante, até a mão doer. [...]; a procura cansativa, até os olhos

arderem, das palavras com o dígrafo que deverá ser sublinhado naquele dia; [...] Letras, sílabas, dígrafos, encontros consonantais, encontros vocálicos, “dificuldades” imaginadas e reais substituem o aconchego e o amor para essas crianças, entervando assim o caminho até o prazer (p.16).

Kleiman nos mostra que estas seriam experiências desestimulantes e distantes do que são concepções adequadas quanto à visão de texto, leitura e linguagem, pois distancia a leitura de sua verdade essência de conquistar sempre mais o leitor ao ato da leitura e de fazê-lo mergulhar nesse universo de palavras e imaginações.

Na pesquisa que realizamos obtivemos os seguintes resultados com relação ao registro da quantidade de livros lidos anualmente pelos jovens entrevistados: a turma do segundo ano B declarou que não registrava a quantidade de livros que liam, mas que tinham uma base. Em primeiro lugar apareceram os que disseram que liam um ou dois livros por ano, em segundo lugar os que liam cinco livros, em terceiro lugar os que liam três livros e em quarto lugar, empatados, os que disseram ler seis ou nenhum livro. Já na turma do segundo ano C tivemos um resultado diferente: em primeiro lugar os que afirmaram ler três livros por ano, em segundo lugar os que disseram ler cinco livros, em terceiro lugar, empatados, os que liam quatro, dois ou um livro anualmente e em quarto lugar também empatados os que liam quinze, dez, nove livros, sete ou nenhum livro por ano. E no segundo ano D alcançamos o seguinte resultado: em primeiro lugar os que liam quatro livros, em segundo lugar os que liam dois ou três livros, em terceiro lugar os que liam cinco livros e em quarto lugar os que liam oito livros.

Percebemos assim que a maior parte dos jovens estudantes pesquisados já apresenta uma prática literária, contudo, quando observamos a quantidade de livros, reconhecemos que é necessário utilizarmos novas estratégias para fazer com que essa experiência torne-se mais presente entre esses jovens alunos, para alcançarmos uma mudança de posição em que todos ou pelo menos a maioria venha a praticar a leitura literária como já faz a minoria dos entrevistados aqui. Segundo a socióloga Failla (2012), o problema dos brasileiros lerem tão pouco está relacionado a uma série de fatores, tais como: professores que não leem, famílias que não possuem livros em casa e que não estimulam esta prática, bibliotecas sem atrativos tanto na estrutura quanto nos materiais que possuem. Tudo isto dificulta a aproximação das pessoas com a leitura, principalmente dos jovens, pois estão cercados por várias atividades que lhes parecem despertar mais a curiosidade do que obras literárias. Pesquisa realizada pelo Ibope Inteligência entre junho e julho de 2011 e



encomendada pelo Instituto Pró-Livro, com cinco mil entrevistados em 315 cidades, mostrou que a média de leitura do brasileiro é de quatro livros anualmente. Para compreendermos melhor o motivo dos jovens entrevistados gostarem ou não da ler, vejamos os quadros abaixo:

**Quadro 1- Razões para gostar de ler**

Posições	2° ano B (manhã)	2° ano C (tarde)	2° ano D (tarde)
1° lugar	Aquisição de aprendizagem.	Aquisição de aprendizagem; possibilidade de viajar através da leitura.	Aquisição de aprendizagem.
2° lugar	Possibilidade de viajar através da imaginação; ler algo interessante.	Contribuição no desenvolvimento da fala; aprendizagem de novas palavras.	Aquisição de conhecimentos.
3° lugar		Interação; Libertação; Novidade; Felicidade; Contribuição.	Desenvolvimento na leitura e na escrita.

**Fonte: *In loco***

**Quadro 2- Razões para não gostar de ler**

Posições	2° ano B (manhã)	2° ano C (tarde)	2° ano D (tarde)
1° lugar	Falta de Tempo.	Preguiça.	Dor de cabeça.
2° lugar	Falta de interesse.		Impaciência.
3° lugar	A presença de sono.		Falta de vontade.

**Fonte: *In loco***

Analisando esses quadros podemos identificar as semelhanças e as diferenças na utilidade e benefícios proporcionados pela leitura literária na vida dos jovens pesquisados. Ambos os resultados se assemelham por apresentarem em comum a aquisição de

conhecimentos como o principal objetivo alcançado pelos jovens ao realizar a leitura literária. Soares (2005) explica-nos que as diferentes classes sociais possuem visões distintas quanto à importância da leitura em suas vidas:

[...] Pesquisas já demonstraram que, enquanto as classes dominadas veem a leitura como fruições, lazer, ampliação de horizontes, de conhecimentos, de experiências, as classes dominadas a veem pragmaticamente como instrumento necessário à sobrevivência, ao acesso ao mundo do trabalho, à luta contra suas condições de vida. (p.21).

Observamos que alguns desses pontos permanecem, mas que sofreram modificações, visto que os leitores aqui pesquisados também viam a leitura como momento de prazer, de felicidade e novidade. No entanto, não podemos fechar os olhos aos interesses divergentes da classe dominante e da classe dominada, orientando os alunos para estarem atentos aos estereótipos, tendo em vista que o conhecimento é apenas uma ferramenta em busca de melhores condições de vida e não a garantia destas. De acordo com Soares (2005, p.25) outra “[...] barreira ao acesso à leitura se concretiza não só por mecanismos de sonegação de material escrito às camadas populares, mas também por mecanismos de distribuição seletiva desse material”.

Daí a importância de formarmos não leitores passivos, mas críticos. E esta leitura vai se desenvolvendo quando o leitor relaciona, compara e analisa o que lê, observando a presença de ideologias estereotipadas e se posicionando criticamente frente a estas. Podemos relacionar este comportamento às falas dos alunos que disseram que gostavam de ler porque a leitura proporcionava a libertação. Segundo Lajolo (2002, pp. 106-107) pode-se dizer que “Leitor maduro é aquele que, [...] faz convergir para o significado deste o significado de todos os textos que leu. E, conhecedor das interpretações que um texto já recebeu, é livre para aceita-las ou recusá-las”.

Por isso, a leitura não pode ser realizada de qualquer forma. Ela precisa ser interpretada e avaliada pelo leitor. Soares (2005, p.26) ainda comenta que: “[...] leitura não é aceitação passiva, mas é construção ativa; é no processo de interação desencadeado pela leitura que o texto se constitui”. O leitor deve interagir com o texto e até mesmo confrontá-lo quando preciso, ou seja, a leitura literária deve contribuir com a formação cidadã do leitor, como foi citado por alguns dos jovens participantes desse estudo.

Outro desafio que temos que enfrentar é conceber a leitura como prática social, com o objetivo de tornar essa prática atraente aos jovens, pois como vimos há jovens que não se

sentem atraídos pela prática da leitura literária porque ainda não conseguem estabelecer a relação que existe entre sua vida e a leitura literária, visto que apresentaram justificativas muito vazias que demonstram que não existe uma motivação profunda que o conecte a esta prática. Precisamos usar a criatividade para fazer com que os jovens leitores percebam que a literatura está interligada às suas vidas e ao mundo no qual vivem e assim, poderão sentir-se atraídos a vivenciar essa experiência com a literatura.

Sabemos que a leitura literária é diferente da não literária, conforme Amora (2006, p. 53) “[...] a literatura se distingue da não-literatura pelo conteúdo e pela forma, e que as características essenciais da obra literária são duas: um conteúdo intuitivo e individual e uma forma produto da criatividade expressiva do artista”. Mas, quando questionados sobre o que eles entendiam ser leitura literária, os jovens do segundo ano sentiram muita dificuldade em responder, pois a maioria disse que não sabia classificá-la e até classificava-a como qualquer tipo de leitura, outros disseram que era conto, romance, ou seja, sabiam que era algo diferente, conheciam os gêneros, só não conseguiam explicar em palavras. Contudo, obtivemos respostas que demonstram que alguns jovens tiveram experiências muito significativas com a literatura e que conseguiram extrair a essência do que vem a ser literatura, como podemos perceber nestas afirmações: “leitura literária retrata a arte com as palavras”; “é uma leitura mais focada para a arte e o prazer do leitor e não só para informação”; “é uma viagem a um novo mundo”. Segundo Amora (2006, p. 93): “Basta um primeiro contato com a literatura para termos a ideia de que suas obras são diferentes não apenas pelo autor e pela época, mas também pelo conteúdo-e-forma”. Por isso, quanto mais o jovem se aproxima da literatura mais descobre esse universo encantado e real ao mesmo tempo.

Outra pergunta feita aos jovens estudantes foi sobre qual era o gênero textual preferido por eles, e conseguimos o seguinte resultado:

**Quadro 3- Preferência de gênero textual**

Posições	2º ano B (manhã)	2º ano C (tarde)	2º ano D (tarde)
1º lugar	Romance.	Romance.	Romance.
2º lugar	História em quadrinhos.	Contos. Poesia.	Poesia.
3º lugar	Poesia.	Crônica. Cordel.	História em quadrinhos.

		Drama.	
4º lugar	Memórias. Crônicas. Contos. Comédias. Nenhum.		Contos. Comédias.

**Fonte:** *In loco*

Como podemos perceber no quadro acima, a maioria dos jovens tem o romance como gênero textual preferido, também teve destaque a história em quadrinhos, os contos, e a poesia. De acordo com Amora (2006) as preferências textuais apresentam relação com os objetivos dos leitores:

Existem muitos tipos de leitores: os que gostam de obras de passatempo, como, por exemplo, os romances policiais, os de espionagem, os de aventuras; os que gostam de aprender e, por isso, procuram romances históricos, de viagens, de ficção científica, os que têm necessidade de dar asas à imaginação e, assim, preferem os livros de conteúdo fantástico; existem ainda os que pedem a uma obra motivos de excitação da sensibilidade, e daí gostarem sobretudo de poesia lírica; e existem também os que pedem a uma obra ensinamento quanto à “arte de escrever”, donde apreciam somente os escritores hábeis dessa arte e criadores de novas formas de expressão literária ( pp. 119-120).

Desse modo, o leitor busca interligar o gênero textual ao objetivo que pretende realizar ao ler uma obra literária. Conhecedores dessas preferências, os professores podem indicar livros aos seus alunos, pois verificamos que alguns jovens ficam indecisos ao procurar um livro, porém alguém que já tem familiaridade com a literatura poderia tecer alguns comentários sobre aqueles livros ou até mesmo sugerir a leitura de algum, visto que é na biblioteca escolar onde os jovens mais procuram livros, pois como já comentamos aqui, o preço do livro no Brasil é caro, dificultando assim o acesso a esse bem tão importante à formação humana. Além disso, de acordo com a pesquisa que realizamos com os jovens do segundo ano do ensino médio, a maioria prefere ler os textos em livros, alguns pegam emprestados com colegas, outros vão à biblioteca da cidade ou pesquisam na internet.

Mas o que será que desperta a atenção do jovem na obra literária? Vejamos os resultados no quadro abaixo:

**Quadro 4- O que desperta a atenção numa obra literária**

Posições	2º ano B (manhã)	2º ano C (tarde)	2º ano D (tarde)
1º lugar	Atratividade do título e da capa. Curiosidade. Aprendizagem.	Curiosidade.	Curiosidade. Temas interessantes.
2º lugar	Tema. Trabalho escolar. Indicação de alguém. O autor. Nada.	Conteúdo.	Trabalho escolar.
3º lugar	Vontade de conhecer novas histórias.	Assunto, rimas, personagens. Temática. Prazer. Conhecimento.	Conhecimento. Prazer.

**Fonte:** *In loco*

Como podemos perceber, no geral, infelizmente o prazer não é o principal motivo que leva o jovem a ler, mas com alguns jovens sim. Podemos aproveitar esse conhecimento de que se interessam, seja pelo título, capa e curiosidade e instigá-los a praticar cada vez mais a leitura literária. Precisamos compreender que ninguém vai querer, por exemplo, comer uma comida que não lhe parece boa. Algo semelhante acontece com a prática da leitura. O leitor precisa sentir-se atraído para poder dialogar com a obra e recriá-la.

Outro aspecto que devemos considerar nessa pesquisa é que a prática da leitura aqui está relacionada aos trabalhos escolares e o impressionante é que a maioria declarou gostar dessas leituras, o que nos levar a refletir que os jovens precisam de mais incentivo à prática da leitura literária. Os jovens aqui pesquisados gostam de indicações. Dentre as obras recomendadas pela escola, citaram: Dom Casmurro, A Moreninha, obras literárias e de vestibular. No entanto, a escola precisa também abrir espaço à literatura que corre à

margem e que algumas vezes é rejeitada pela escola por não fazer parte do cânone. É necessário que haja uma integração entre as obras do cânone e as que não fazem parte do mesmo. Como nos diz Aguiar (2013):

[...] O dividendo final é novamente o prazer da leitura [...] Se a história policial ou a novela romântica exploram questões sociais ou psicológicas aprofundadas, se forem construídas a partir de propostas estruturais e linguísticas inovadoras, elas vão desestabilizar o leitor, tirá-lo de seu conforto, obrigá-lo a fazer esforços para continuar a leitura; a partir desse momento, ele não será o mesmo, tornando-se capaz de novos voos. [...] Ler ficção [...] não é entrar num mundo mágico, irreal e alienado, mas captar a realidade mais intangível, aquela sedimentado no imaginário a partir das ingerências do cotidiano da história individual e social. (p.160)

Por isso não podemos julgar a literatura popular como vazia, ou que não traz benefícios a quem dela se apropria, pois devemos conhecer muita gente que se tornou leitor, escritor ou professor graças a esse contato com essa literatura que muitas vezes foi ou ainda é considerada insignificante por não fazer parte do cânone.

Os próprios jovens sugeriram algumas práticas que podem ser adotadas pela escola e pelos professores para despertar ou aproximar a juventude do bom hábito de ler literatura. Argumentou-se que a linguagem, o gênero e a temática da obra literária devem ser interessantes aos jovens. A leitura deve propiciar o prazer e a imaginação. A escola e os professores precisam trabalhar essa prática com criatividade. Que haja uma orientação sobre a temática das obras para poderem escolher com maior segurança; disponibilizar mais livros nas bibliotecas; dialogar sobre os livros e incentivar mais a leitura, não apenas na escola, mas que haja projetos que possam levar a literatura a lugares como as praças, por exemplo, que são lugares muito frequentados pelos jovens. Segundo Dalvi (2013, pp.81-83) isso significa que a literatura precisa estar disponível aos alunos e ser discutida com os mesmos, e que a escola deve propiciar eventos relacionados à leitura literária considerando as várias formas de gêneros textuais, assim como os diversos meios de suportes, avaliando a interpretação sem punição, mas promover a aprendizagem, a aproximação e o respeito. Além disso, ainda conforme Dalvi (2013, pp.84-85) deve-se considerar se os títulos e temas das obras interessam os leitores, se a linguagem é compreendida, se a obra apresenta valores e estereótipos, entre outros aspectos que necessitam ser considerados no momento de interação entre leitores e texto literário.

Através dessa pesquisa e estudo constatamos que dentre os livros já lidos, ou que é desejável sua leitura pelos jovens da segunda série do ensino médio, tiveram grande destaque os romances dos best-sellers, sobretudo os estrangeiros, por destacarem histórias de jovens e de fantasia, por terem sido adaptados às telas de cinema e aos jogos eletrônicos, e também pela ampla divulgação desses livros ou por apresentarem temas que fascinam os jovens.

Conhecedores dessa preferência, os professores não podem ficar indiferentes ou rejeitar esta realidade. Podemos partir deste gosto sugerindo a comparação destes com outras obras literárias, abordar temáticas destes livros na sala de aula, apresentar trechos de outros livros que possam despertar também a curiosidade dos jovens, incentivando assim a leitura desses outros textos literários que são esteticamente e criticamente interessantes.

Por isso, por mais que conheça os livros clássicos, o professor deverá também conhecer os livros modernos que são admirados pelos jovens contemporâneos para ajudar na mediação entre os livros antigos e atuais, contribuindo com a formação dos leitores, a qual exige segundo Lajolo (2002, p.108) “[...] familiaridade com grande número de textos”. Assim, a interação com a diversidade de obras literárias facilita o diálogo entre os textos de diferentes obras e a indicação que o professor poderá sugerir ao aluno.

Portanto, atingimos nosso objetivo, visto que investigamos a realidade da prática literária dos jovens do segundo ano do Ensino Médio, compreendendo seus motivos de gostarem ou não de ler, investigando suas preferências literárias, e sugerindo propostas que podem atrair a juventude para uma prática literária mais significativa.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Na realização desse trabalho pesquisamos jovens alunos de três turmas da segunda série do Ensino Médio regular, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Alzira Lisboa, na cidade de Jacaraú, Paraíba, para investigarmos sobre seus hábitos e gostos literários.

Constatamos que é preciso uma abertura maior para a realização da leitura literária no ambiente escolar, de modo que proporcione a interação e o encontro entre leitor, obra e a relação desta com a realidade na qual o jovem está inserido, ou seja, que haja uma contextualização. Inserir rodas de leituras que estimulem a prática literária, a imaginação e

a criticidade sobre a leitura realizada seria uma possibilidade positiva para proporcionar conectividade entre juventude e literatura.

Também é possível criar novos projetos de incentivo à leitura literária na escola de forma interdisciplinar, pois a literatura aborda muitas temáticas transversais, possibilitando assim uma integração magnífica com todas as áreas do conhecimento e favorecendo a formação integral dos jovens estudantes. Também é importante que a cidade desenvolva o hábito de projetos voltados para a área literária, resgatando canções, histórias e lendas da cultura local para ampliar o número e a qualidade de leitores, proporcionando o acesso de todos à literatura, incluindo a literatura popular, e procurando assim, conquistar aqueles que ainda não se descobriram no universo literário.

Percebemos também que a leitura, quando realizada de forma crítica, dinâmica e contextualizada, é um caminho possível à luta contra as injustiças sociais, preconceitos, entre outros problemas que enfrentamos.

Concluimos que a maioria dos jovens alunos que participou dessa pesquisa gosta de ler, sendo que alguns já leem bastante, mais de dez livros anualmente. Contudo, há muitos alunos que ainda leem pouco e que precisam ser mais motivados a realização desta experiência. Ficou claro que a principal preferência literária juvenil é o gênero romance e que muitos desses leitores gostariam de ler mais, porém enfrentam dificuldades financeiras para conseguir os livros cujas temáticas mais lhes interessam, tais como amor e aventura.

Precisamos, portanto, trazer para dentro das bibliotecas escolares, além dos clássicos, livros literários atuais, cuja temática fascina a juventude, pois assim estaremos favorecendo o encontro dos jovens com a literatura. E devemos instigar mais os jovens à prática de leituras literárias, partindo-se sempre daquelas obras que eles mais gostam, visando assim o resultado: a aproximação, a interação e o desenvolvimento da leitura crítica da literatura entre os jovens, pois assim, estaremos investindo no crescimento do jovem como ser humano e cidadão.

## **6. REFERÊNCIAS**

AGUIAR, Vera Teixeira de. O saldo da leitura. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita. (orgs). **Leitura de Literatura na Escola**. São Paulo: Parábola, 2013.



ALENCASTRO, Catarina. Brasileiro lê, em média, quatro livros por ano, revela pesquisa. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/brasileiro-le-em-media-quatro-livros-por-ano-revela-pesquisa-4436899> Acesso: 24/05/14, às 16h.

AMORA, Antônio Soares. **Introdução à teoria da literatura**. 13. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

DALVI, Maria Amélia. Literatura na escola: propostas didático-metodológicas. In: \_\_\_\_\_; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita. (orgs). **Leitura de Literatura na Escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

FAILLA, Zoara. Retratos da Leitura no Brasil. In: Espontaneamente, brasileiro lê apenas 1 livro por ano. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/celebridades/espontaneamente-brasileiro-le-apenas-1-livro-por-ano> Acesso: 24/05/2014, às 15h.

KLEIMAN, Angela. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 11. ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2002.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?** 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Coleção Primeiros Passos).

REZENDE, Neide Luzia de. O ensino de literatura e a leitura literária. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita. (orgs). **Leitura de Literatura na Escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

SOARES, Magda Becker. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. In: In: ZILBERMAN, Regina & SILVA, Ezequiel Theodoro da. (orgs). **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2005.